



UNILAB

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA - UNILAB
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

RAFAELA BACELAR SANTOS

**CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NAS ESCOLAS PÚBLICAS E
PRIVADAS DE SALVADOR**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

RAFAELA BACELAR SANTOS

**CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NAS ESCOLAS PÚBLICAS E
PRIVADAS DE SALVADOR**

Projeto de Pesquisa apresentado à
Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira- UNILAB, como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Humanidades.

Prof. Dr. Marcio André de Oliveira dos Santos

SÃO FRANCISCO DO CONDE
2017

RAFAELA BACELAR SANTOS

**CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NAS ESCOLAS PÚBLICAS E
PRIVADAS DE SALVADOR**

Projeto de pesquisa apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira- UNILAB, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

DATA DE APROVAÇÃO: 31/07/2017

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Marcio André de Oliveira dos Santos

Examinadora: Prof. Dra: Cristina Teodoro Trinidad

Examinador: Prof. Dr. Eric Brasil Nepomuceno

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	REFERENCIAL TEÓRICO	8
3	HIPÓTESES	11
4	JUSTIFICATIVA	12
5	OBJETIVO GERAL	14
5.1	OBJETIVO ESPECÍFICO	14
6	METODOLOGIA	14
7	CRONOGRAMA	15
	REFERÊNCIAS	16

1 INTRODUÇÃO

*Se a educação não transforma
sozinha a sociedade, sem ela
tampouco a sociedade muda. Se a
nossa opção é progressista, se
estamos a favor da vida e não da
morte, da equidade e não da
injustiça, do direito e não do
arbítrio, não temos outro caminho
senão viver plenamente a nossa
opção. Encarná-la, diminuindo
assim a distância entre o que
dizemos e o que fazemos.*
Paulo Freire

O racismo e a discriminação racial são dois componentes presentes na formação da nação brasileira desde o início. Consequentemente a existência e a perpetuação do racismo na sociedade brasileira até os dias atuais transformaram-se em um dos principais obstáculos no processo de construção da identidade negra. Outros fatores também influenciaram neste processo, especialmente as péssimas condições sociais da imensa maioria da população negra.

Tenho consciência que existe diversidade na população negra brasileira, já que os negros habitam todo o território nacional. Por esta razão é que esta pesquisa terá por foco a cidade de Salvador, local em que nasci e cresci. Embora Salvador seja uma cidade com maioria negra (segundo o censo do IBGE, algo em torno de 80%), durante muito tempo a cultura negra tem sofrido um tipo específico de prática de invisibilização, seja nos espaços públicos ou privados. Como aluna de escola pública durante todo o ciclo estudantil, me acostumaram a ver como “normal” a falta de representatividade negra nos livros didáticos. Assuntos como história dos povos africanos, das suas resistências contra o colonialismo europeu ou das resistências dos negros brasileiros durante o período da escravidão eram praticamente ausentes. Pelo menos não lembro. Alguns professores e professoras, sobretudo negros, eram exceção a esta regra, falando da importância da África e da participação dos negros e negras na história do Brasil. Eram os momentos em havia uma quebra da invisibilidade.

Neste projeto pretendo trabalhar sobre os processos de construção da identidade negra em algumas escolas públicas e privadas de Salvador. Acredito que explorar o contraste entre o

perfil social de quem frequenta as escolas públicas e privadas seja importante já que existem diferenças entre estes dois segmentos em termos de classe social, local de moradia, etc. Devido ao intenso trabalho político dos movimentos negros brasileiros e de uma série de mudanças governamentais ocorridas nos últimos anos, avanços importantes puderam ser observados em prol do povo negro, como as políticas de ação afirmativa nas universidades e a inserção da lei 10.639/03 que estabelece o ensino de história da África e das culturas afro-brasileiras nas escolas de todo o país.

Frente a estes avanços, tentarei responder, neste projeto de pesquisa, a seguinte questão: de que maneira as identidades negras vêm sendo construídas nas escolas públicas e privadas de Salvador? Será que as escolas vêm folclorizando ou inferiorizam as culturas negras e, conseqüentemente, prejudicam mais que ajudam no processo de construção da identidade negra?

A escolha em pesquisar esta questão nas escolas se explica porque as escolas ocupam um espaço vital na produção de valores sociais, culturais e de referências para todos, especialmente crianças e adolescentes. Como esses alunos se sentem representados seja nos conteúdos dos livros didáticos, nos projetos executados em salas de aula ou nas propagandas oficiais das escolas? Acredito que é possível reverter este cenário negativo em relação a invisibilidade da identidade negra nas escolas. Para isso é necessário a ampliação de políticas públicas no campo da educação e de muito mais investimentos, sobretudo na produção de materiais didáticos, produção de material audiovisual, dentre outros, que valorizem as identidades negras, bem como outras identidades étnicas e raciais.

Desde pelo menos o final do século 19, já começam a surgir nos discursos da classe política e da intelectualidade brasileira, elementos ideológicos que descreviam o Brasil como uma “democracia racial”. Sobretudo a partir da década de 1930 percebe-se o descrédito nos meios letrados das teorias racistas que inferiorizavam negros, indígenas e outros grupos, dando lugar aos estudos antropológicos que davam mais ênfase a ideia de *cultura* do que de *raça* para pensar diferenças entre os grupos. Neste sentido, a obra de referência neste período foi *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, publicado em 1933.

Por anos, o negro foi projetado na sociedade brasileira como apenas mão de obra barata, desde a abolição da escravidão sendo essa uma das piores formas de opressão do negro. De

acordo com Petrônio Domingues, essas desigualdades impostas pela elite branca se justificavam da seguinte maneira: “o fracasso da vida do negro devia ser tratado como consequência das suas próprias deficiências, pois o sistema oferecia igualdade de oportunidades a todos, negros e brancos, indistintamente”. (DOMINGUES, 2005).

Em outras palavras, por muitos anos essa sensação de culpa ou auto conformismo foi incorporada na ideia de ser negro no Brasil, se não isso a “miragem” para o mundo a fora de que “aqui todos são iguais”.

Durante o regime militar e mesmo após a implantação do regime democrático, o estado brasileiro foi idealizado como um país cujo problema racial era inexistente. Entende-se assim que com o passar dos anos o “mito da democracia racial” serviu de base para a definição de “uma pátria amada e que respeita igualmente os seus filhos”. Essa ideologia foi crescendo ainda mais quando outros acadêmicos nacionais e estrangeiros começaram a divulgar isso como “verdade”.

Diante das injustiças, dos preconceitos, dos racismos e das desigualdades raciais vividas diariamente pelos negros, vão surgindo no Brasil movimentos com criação de ações afirmativas para acabar com os problemas raciais existente, antes negado pela sociedade elitizada e branca. Esses movimentos surgem nos anos de 1970 por influência das lutas antirracismo que aconteciam na África e nos Estados Unidos.

Autores como Florestan Fernandes e Abdias Nascimento se engajavam nas literaturas que reafirmavam a existência da Identidade negra e denunciava as desigualdades coordenada por uma minoria. Fernandes afirma que:

[...] a sociedade brasileira largou o negro ao seu próprio destino, deitando sobre seus ombros a responsabilidade de reeducar-se e de transformar-se para corresponder aos novos padrões e ideais de homem, criados pelo advento do trabalho livre, do regime republicano e capitalista (FERNANDES apud BARBOSA, 2015, p. 187)

Neste caminho, a inserção do homem negro assim como pontua o autor é objetificado na sociedade como descartável e inferior, nos levando a evidência de que o negro amargamente sofreu as consequências diretas pelas distribuições desiguais no cenário econômico no qual se estabelecia naquele momento.

Portanto, diante dos fatores que influenciaram diretamente na construção da Identidade Negra, o presente projeto tem como um dos objetivos perceber como as culturas negras da atualidade são ressignificadas por jovens negros e não-negros nos espaços de educação. Assim, acredito que materializar a representatividade de maneira positiva, contribui na construção do esqueleto ideológico seja do estudante negro ou não.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este referencial teórico pretende trabalhar, primeiramente, com autores que analisam os processos de construção da Identidade negra nas escolas. Tendo como foco notar quais as formas de representação da cultura negra nesse espaço sejam por meio de propaganda, atividades e/ou livros didáticos, buscando principalmente entender se essa cultura é realmente representada ou apenas folclorizada, e como esse processo é ressignificado pelos jovens negros e não negros.

Pensar a construção da Identidade não é algo tão simples, pois todos nós somos diariamente submetidos a constantes influências sociais que constituem sua maneira de agir, conviver e pensar na sociedade. Tomando por base alguns estudos, como o de Eliane Cavalleiro e Kabengele Munanga em alguns capítulos do livro “Superando racismo na escola”, Nilma Lino Gomes no artigo “Educação e Identidade negra” e Rosa e Mehl no artigo “Escola e Construção da Identidade Negra” seus trabalhos adentram as escolas para pesquisar as relações étnico-raciais. Em suas obras, analisam como crianças e jovens negros (as), muitas vezes intituladas como “mulatos, morenas” entre outros termos, acabam por vivenciar o preconceito racial por colegas brancos, prejudicando imensamente o aprendizado e a socialização. Do mesmo modo que observam como o “silenciamento” por parte dos professores pode interferir drasticamente sobre a maneira como se vêem e percebem.

Nessa perspectiva, este projeto privilegia a escola como um espaço rico em aprendizagem, interação e formação política e cidadã que pode influenciar de maneira positiva ou não na construção da Identidade negra. Sobre isso, Nilma Lino comenta que:

[...] quando pensamos a escola como um espaço específico de formação inserida num processo educativo bem mais amplo, encontramos mais do que currículos, disciplinas escolares, regimentos, provas, testes e conteúdos. Deparamo-nos com diferentes olhares que se cruzam, que se chocam e que se encontram. A escola pode ser considerada, então, como um dos espaços que interferem na construção da identidade negra. O olhar lançado sobre o negro e sua cultura, no interior da escola,

tanto pode valorizar identidades e diferenças quanto pode estigmatizá-las, discriminá-las, segregá-las e até mesmo negá-las. (GOMES, 2002, p. 3)

É justamente nessa perspectiva, que percebemos que a Identidade negra pode ser “extraviada” durante a trajetória escolar dessas crianças e jovens. Nesse sentido, negros e negras passam a conviver uma “dualidade de pensamentos sobre si” isso porque se deparam com diversos olhares sobre o seu pertencimento racial, sua forma de representação, sua cultura e a sua história. Conseqüentemente, em certos momentos esses olhares podem se chocar com sua própria visão de quem ele é (por influência de familiares) e de quem a sociedade os planeja para ser.

Normalmente pensamos que o papel da escola está diretamente entrelaçado com a função em reafirmar e amenizar o atraso de identidades que foram desvalorizadas durante a construção da nação brasileira, mas ao ser colocado em prática essa ideia acaba se perdendo. Segundo Nilma, por vezes a desigual e injusta distribuição socioeconômica se transforma como perfil para “justificar” o problema do aluno negro na sala de aula. A autora comenta que:

Quando a diferença étnico/racial é transformada em deficiência surgem também justificativas pautadas num “psicologismo” que reduz as implicações históricas, sociais, e econômicas que incidem sobre o povo negro a comportamentos individuais: “alunos com dificuldade de aprendizagem”, por exemplo. A ênfase nesse “psicologismo” encobre o caráter excludente da estrutura escolar brasileira, dando margem para que a diferença cultural da aprendizagem seja vista como desvio. Os alunos e as alunas negras, vistos, dentro da escola, como portadores de “deficiência” ou de “dificuldade de aprendizagem”, fatalmente são rotulados como: “indisciplinados”, “lentos”, “defasados”, “atrasados”. (GOMES, 2002, p. 4).

Nesse caminho, a autora nos mostra que professores costumam reunir alunos que apresentam esse “desvio” como uma maneira de solucionar o problema, mas a consequência dessa junção é “separar” esses alunos dos considerados “normais” causando mais indiferença entre eles.

A construção da Identidade racial negra é formada na trajetória escolar do estudante, por isso a escola assume um papel extremamente fundamental. A autora Cavalleiro comenta que:

É a ausência de referência positiva na vida da criança e da família, nos livros didáticos esgarça os fragmentos de identidade da criança negra, que muitas vezes chega à idade adulta com total rejeição à sua origem racial. Positivar o lado negro de cada criança, positivar o passado escravo, através das histórias de resistência” (CAVALEIRO, 2004 apud ROSA; MEHL, 2009, p. 9920).

Neste sentido a aplicação de métodos de uma educação antirracista deve começar desde o primeiro momento que estudantes adentram a sala de aula. Crianças, jovens e adultos negros que ao decorrer da história não puderam ter um outro olhar ou nem sabem sobre a cultura do seu povo como positiva, precisam se ver como negros (as), aprender a admirar sua imagem e ter principalmente modelos que agradem suas expectativas, e só assim as mudanças podem começar a ser observadas.

O papel do auto reconhecimento na sociedade nunca foi uma tarefa fácil, principalmente se reafirmar como identidade negra em uma nação que carregou por anos para além das referências e práticas eurocêntricas. Dessa maneira, essa identidade se fortalece através da construção cultural, social e histórica, mas, esse processo se dificulta numa sociedade que persiste em reproduzir que para o negro o melhor caminho para ser aceito é “negar” a sua história e cultura.

É necessário reconhecer e tratar da existência da invisibilidade da questão racial dentro das escolas. Aparentemente esses espaços iriam dizer “que não existe o racismo ou a inferiorização da cultura negra nas salas de aula e por consequência que todos (as) os alunos (as) se tratam igualmente”, mas segundo as autoras Rosa e Mehl (2009, p. 9922) muitas vezes nem os próprios professores conseguem enxergar que ao silenciar ou/e ocultar acabam por exteriorizar a “pedagogia do silêncio”. Cavalleiro afirma que ao silenciar a escola grita inferioridade, desrespeito e desprezo ao negro.

Existem diferentes maneiras de reproduzir o silêncio nas escolas, a começar pelos professores diante as agressões de alunos negros sejam por meios verbais ou não devido a sua cor de pele, aos traços do seu corpo, rosto e seu cabelo. Segundo Rosa e Mehl no artigo “Escola e Construção da Identidade Negra” dizem que muitos professores não podem ser colocados como solução do problema devido a dificuldades do próprio profissional. Quando refiro as dificuldades dos docentes, digo que existem professores que não sabem como tratar aquela situação. Outra maneira de visualizar esse silêncio é a através da ocultação das histórias das lutas dos negros nos planos de aula. A consequência dessa omissão só faz incentivar as crianças e jovens a um ideal de ego branco, no qual o silenciamento sobre a história da cultura negra se torna banalizado.

Com o passar dos anos, em contrapartida a esses aspectos é oficializada em nove de janeiro de 2003 a aplicação da lei 10.639/03 que estabelece o ensino obrigatório de história da África e das culturas afro-brasileiras nas escolas de todo o país. Esse é um dos “avanços” para o combate à discriminação, invisibilização e reafirmação da representatividade da identidade negra na educação. Assim como existe também as ações afirmativas que possibilita a inserção do jovem negro (a) nas universidades.

Diante aos aspectos de “idas e vindas” relativos aos processos de construção da identidade negra, consigo perceber que de uns tempos para cá é notável enxergar mudanças no espaço escolar devidos a algumas modificações no cenário brasileiro como havia comentado antes. Mas neste projeto pretendo sublinhar de quais maneiras essa “visibilização” é colocada ou não nas escolas públicas e privadas de Salvador.

Concluindo, segundo Nilma Lino estudar a relação da identidade negra e educação se trata da necessidade de uma reeducação sobre um novo olhar pedagógico, ou seja a escola se apresenta como um espaço privilegiado por ser transmissor e formador de ideologias, sendo assim concordo com a autora quando diz que trabalhar simplesmente com a aplicação de dados sobre a situação desigual e discriminatória não é suficiente para aplicar aos alunos e alunas sejam negros ou não, mas a escola deve problematizar a questão racial, mostrar que por mais que seja difícil não é impossível de ser modificada. É justamente por essa análise que pretendo realizar esta pesquisa, na busca por caminhos que realmente mostre a visibilidade da aplicação da identidade negra em algumas escolas sejam públicas e privadas de Salvador, mesmo com a disparidade estrutural de ambas as instituições escolares.

3 HIPÓTESES

Decorrente da questão da pesquisa, essas hipóteses irão guiar o desenvolvimento da investigação aqui proposta, podendo ser enunciadas da seguinte forma:

Durante a construção da sociedade brasileira, o racismo e a discriminação racial são fatores que influenciaram drasticamente no processo de construção da Identidade negra, por consequência estudantes negros (as) foram e provavelmente continuam sendo atingidos diretamente devido ao silenciamento da sua história no espaço escolar.

Uma das medidas efetivas para o combate à discriminação racial nas escolas brasileiras diz respeito à Lei no. 10.639/03 que estabelece o ensino de história da África e das culturas afro-brasileiras nas escolas de todo o país. Essa lei é um exemplo de avanços no espaço da educação, mas a representação da cultura negra nas escolas ainda pode ou não estar sendo folclorizada, isso pode ser justificado se a maneira da sua representação se basear em eventuais cerimônias de “vinte de novembro”. Para verificar se isso realmente acontece ou não, precisaríamos entrevistar alunos e alunas negros (as), diretores (as) e coordenação da escola e fazer pesquisa bibliográfica com autores que exploram esse assunto, até achar uma conclusão. Caso futuro resultado ainda permanecer na invisibilização, este projeto pretende ir em busca de novas propostas de mudanças, até porque discutir na sala de aula a discriminação social, econômica e cultural do negro não é o suficiente, para afirmar ao estudante negro sobre a importância da autoafirmação em ser e se ver como um negro (a).

4 JUSTIFICATIVA

A história brasileira tem sido profundamente marcada pelo racismo contra os negros, indígenas e outros grupos étnicos e raciais não-brancos. Imigrantes e trabalhadores chineses, japoneses, judeus e povos árabes tiveram suas entradas dificultadas no país em fins do século 19 e início do século 20. Neste sentido, procurar entender as dinâmicas do processo de construção das identidades étnicas e raciais e, em particular, os modos pelos quais se desenvolve a construção da identidade negra sempre foi, para mim, um tema de extrema significância.

O campo de estudos sobre as relações raciais no Brasil, tem nos ensinado que uma das ferramentas de combate ao racismo e da discriminação racial passam pelo fortalecimento da identidade negra. Ou seja, os sujeitos historicamente discriminados e, conseqüentemente, prejudicados em termos sociais, econômicos, culturais e políticos precisam construir e reconstruir o tempo todo narrativas e mecanismos de reversão do racismo.

O processo de construção das identidades sociais e, portanto, também as identidades raciais e étnicas têm o período escolar como espaço privilegiado. Por essa razão é que escolhi o espaço escolar como um lugar para entender como a identidade de jovens estudantes negros se desenvolve.

Para desenvolver este tema, pesquisarei os materiais didáticos utilizados pelas escolas, bem como as atividades desenvolvidas em sala de aula que tenham como referência as culturas negras e sua importância na formação da civilização brasileira.

A Lei 10.639/03, que estabelece o ensino de história da África e das culturas afro-brasileiras nas escolas de todo o país, expressa um avanço significativo e uma conquista dos movimentos negros para a reafirmação da identidade negra, ou seja, a luta pela afirmação da identidade particular dos negros durante a história da formação do país sempre foi alvo de invisibilidade e racismo, isso porque para todo e qualquer avanço havia uma elite branca e dominante pronta para “atacar” e novamente objetificar qual o real lugar do povo negro.

É justamente para esses “avanços” que direciono a minha pesquisa, pois acredito que o meu projeto pretende chamar a atenção para a importância da prática e valorização da cultura do povo negro nos espaços escolares. A imagem do “negro” na sociedade por vezes é colocada como inferior, por muitos anos materiais didáticos reafirmaram esse conceito sendo a expropriação da cultura da população negra, com a implantação da lei 10.639/03 as instituições de ensino sejam elas públicas ou privadas podem fazer a diferença, mas até que ponto o uso da cultura negra se enquadra nos currículos escolares?!

Em uma curta conversa com alguns alunos do primeiro ao terceiro ano do ensino médio de um colégio público de Salvador, a seguinte pergunta foi feita “Vocês percebem no cotidiano, se na sua escola apresenta materiais didáticos, projetos ou algumas atividades voltadas a cultura negra?”. Entre os entrevistados, a maioria das respostas foi que “não viam, a não ser no dia vinte de novembro”. É justamente por respostas assim, que chamo a atenção da existência de um problema pois até que ponto a prática da lei 10.639/03 é aplicada ou simplesmente tida como “folclórica”?

Contudo, acredito que investigar as dinâmicas relativas à produção da visibilidade e, paradoxalmente, da invisibilidade presentes no processo de construção da Identidade Negra é um tema sociologicamente fundamental. Em outras palavras, observar e analisar os modos pelos quais jovens negros (pretos e pardos) na fase de desenvolvimento para uma vida adulta, constroem suas identidades a partir da cultura afro-brasileira e outros componentes culturais é relevante.

5 OBJETIVO GERAL

- Analisar as dinâmicas na construção da identidade negra nas escolas públicas e privadas de Salvador.

5.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar a aplicação da lei 10.639/03;
- Analisar as políticas das escolas relativas a “celebração” da cultura negra;
- Perceber como as culturas negras da atualidade são ressignificadas por jovens negros e não-negros;

6 METODOLOGIA

A pesquisa que se pretende realizar será interdisciplinar, de caráter qualitativo. Dividida em dois momentos: a) métodos utilizados para a pesquisa de natureza exploratória na construção deste projeto; b) métodos que serão utilizados no desenvolvimento da pesquisa de campo. Para os dois momentos a pesquisa vai se basear em autores que refletem e analisam os processos de construção da Identidade Negra.

A pesquisa bibliográfica no primeiro momento se baseou em algumas referências que precisam ser mais exploradas referentes às construções das identidades negras. Autores como Petrônio Domingos, Eliane Cavalleiro, Nilma Lino Gomes, Daniele Cristene Rosa e Ana Paula Mehl que trabalham com assuntos voltados a democracia racial, aos movimentos negros e a identidade negra nas escolas foram de grande contribuição. As fontes utilizadas foram artigos, publicações e experiência empíricas.

No segundo momento de desenvolvimento da pesquisa será realizada entrevistas em algumas escolas públicas e privadas de Salvador. A escolha por duas diferentes instituições de ensino (pública e privada) composta por “privilégios e estrutura” desiguais é justamente para buscar entender se a presença da cultura negra vem sendo aplicada e ressignificada entre os alunos e alunas.

Haverá dois modelos de questionários: um para os alunos do ensino médio (primeiro ao terceiro ano) e outro para os coordenadores/diretores das instituições de ensino. A estrutura dos questionários para os alunos terá como foco o público composto por estudantes autodeclarados pretos e pardos. A escolha deste público é justamente para que as indagações contidas nas perguntas voltadas a representação, seja nos materiais didáticos, propagandas ou projetos possam ser respondidas pela própria visão dos estudantes. Enquanto o conteúdo do questionário direcionado aos coordenadores ou diretores as perguntas estarão voltadas sobre a forma de aplicação dos “avanços” conquistados pelo povo negro, a exemplo da lei 10.639/03.

7 CRONOGRAMA

PERÍODO	2018	2019	2020
Revisão de Literatura	X		
Aplicação de entrevistas	X		
Eixos teóricos para definição dos capítulos	X	X	X
Análise de dados		X	
Redação Final			X
Entrega			X

REFERÊNCIAS

ANDREWS, George Reid. Democracia racial brasileira 1900-1990: um contraponto americano. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 11, n. 30, p. 95-115, 1997. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141997000200008>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

BARBOSA, Pedro. A violência contra a população de negros/as pobres no Brasil e algumas reflexões sobre o problema. **Cadernos de Campo: Revista de Ciência Sociais**, Araraquara, n. 19, 2015. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/7702/5535>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

BRASIL. Congresso. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Brasília, DF, 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 10 abr. 2017.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, v. 12, n. 23, p. 100-122, 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-77042007000200007>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

_____. O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889-1930). **Diálogos Latinoamericanos**, n. 10, p. 116-132, 2005. Disponível em: <http://lacua.au.dk/fileadmin/www.lacua.au.dk/publications/10_di_logos_latinoamericanos/mito_democracia.pdf>. Acesso em: 15 maio 2017

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. **Aletria: alteridades em questão**, Belo Horizonte, v. 6, n. 9, p. 38-47, dez. 2002. Disponível em: <<http://ideario.org.br/wp/wp-content/uploads/2013/10/nilma-lino.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2017.

MIZAEL, Náide Cristina de Oliveira; GONÇALVES, Luciane Ribeiro Dias. Construção da Identidade negra na sala de aula: passando por bruxa e de preto a pretinho no poder. **Itinerarius Reflectionis**, Jataí, v. 11, n. 2, 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/38792>>. Acesso em: 15 maio 2017.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

ROSA, Daniele Cristina; MEHL, Ana Paula. A escola como um espaço de construção da identidade negra: revisitando histórias de estudantes negros na universidade. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO; ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 9; 3, 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUC/PR, 2009. Disponível em: <www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3360_1941.pdf>. Acesso em: 15 maio 2017.